



A RELIGIOSIDADE DOS UCRANIANOS NA CIDADE DE MAMBORÊ – PARANÁ¹

BATISTA, Marinalva dos Reis²

MARTINS, Bruna Morante Lacerda³

RESUMO

Por volta de 1950 inicia a chegada das primeiras famílias ucranianas na região de Mamborê – Paraná, os imigrantes partiram da região de Prudentópolis - PR, Guarapuava - PR, e também do Estado de Santa Catarina. Convém destacar que a atual Igreja Ortodoxa Ucraniana Santa Ana fora construída em Mamborê, em 1997, com a ajuda de toda a comunidade ucraina, onde aproximadamente 45 famílias de imigrantes e seus descendentes na atualidade frequentam-na assiduamente. Durante a pesquisa evidenciamos que a Igreja proporciona um ambiente de afluência entre o povo ucraniano, uma vez que, toda a comunidade se congrega para os ritos culturais e religiosos fortalecendo assim, a práxis dessa cultura. É importante ressaltar que a assistência religiosa oferecida pelas igrejas por meio dos sacerdotes foi fundamental para assegurar a continuidade dessa cultura e a adaptação dos colonos à nova região. A religião é essencial para o povo ucraniano visto que evidencia sua cultura - e para eles - manter a devoção é fazer com que perpetue sua língua, seus costumes e até mesmo a união de seu povo.

Palavras-chave: Religiosidade. Etnia Ucraniana. Mamborê.

¹ EIXO TEMÁTICO: O urbano em suas diferentes escalas.

² Pós-graduanda em Geografia na UNESPAR/Fecilcam. Email: geografia23@gmail.com

³ Pós-graduanda em Geografia na UNESPAR/Fecilcam. Email: brunamorante@gmail.com



ABSTRACT

The arrival of the first families in the Ukrainian region Mamborê - Paraná starts in 1950. Migrants left the region Prudentópolis - PR, Guarapuava - PR and the state of Santa Catarina. It is worth noting that the current Ukrainian Orthodox Church Santa Ana was built in Mamborê in 1997, with the help of the entire community Ukraina, where about 45 families of immigrants and their descendants today attending it assiduously. During the research we observed that the Church provides an environment of affluence among the Ukrainian people, since the whole community gathers for religious and cultural rites thus strengthening the practice of that crop. Importantly religious assistance offered by the churches by the priests was essential to ensure the continuity of this culture and the adaptation of new settlers to the region. The religion is essential to the Ukrainian people as it shows their culture - and for them - to keep the devotion is to make perpetuate their language, customs and even the union of his people.

Keywords: Religiosity. Ukrainian ethnicity. Mamborê.

Introdução

O modo de sobrevivência dos grupos sociais, desde as civilizações mais antigas, se opera por meio das chamadas comunidades que, a grosso modo, constituem agrupamentos de pessoas oriundas de uma mesma região, ou por afinidades políticas e ideológicas. Nesse sentido, cada comunidade organiza um modo particular de sobrevivência, sendo, portanto, berço de sua própria cultura. Importa lembrar que a criação de grupos sociais distintos compõe a história de muitos países dentre eles o Brasil que desde a chegada dos portugueses em 1500, fora sendo descoberto como possibilidade de nova morada de diferentes etnias, como os Alemães, Espanhóis, Poloneses e, entre outros, os Ucrânicos – que, no presente artigo, procuramos desnudar os percursos e percalços por que passaram esses imigrantes da Ucrânia até sua chegada ao Brasil. Entre os principais contornos da pesquisa, nos debruçamos sobre a herança cultural advinda da língua materna da referida comunidade.

Após as entrevistas, entre imigrantes e descendentes dos primeiros ucranianos a chegar em Mamborê, observamos que algumas das peculiaridades de sua nacionalidade foram mantidas ou ao menos tentaram recriar como eram em seu país de origem. Atividades como o



trabalho em família, celebrações, ritos, religião, são mantidos desde a formação do povo ucraniano até hoje, século XXI. Ao adentrarmos nestas particularidades que condizem com o modo de vivência tradicional das famílias que residem hoje no Brasil, nos reportamos ao passado, quando estes imigrantes ainda residiam em Ucrânia. A vida na sua pátria, como muitos relataram durante as entrevistas, era bastante sofrida, com escassez de terras para o plantio, colheitas prejudicadas pelas baixas temperaturas. Alguns contam que o gado morria de frio quando não havia abrigo para colocá-los. Em meio a tanta dificuldade ainda existia a guerra, a fome, a falta de emprego, enfim, a busca por um novo lugar para criar seus filhos de uma maneira digna seria inevitável.

No seio da família camponesa ucraniana, desde muito cedo é passado para os filhos o valor do trabalho. Aprendem com os pais a trabalhar na terra, que fora conquistada arduamente, mas mantida a todo custo, pois, na maioria das vezes é o seu único meio de sustento. É ensinado a arar a terra, fazer o plantio, a eliminar as pragas, e a colher.

Assim como se aprende a trabalhar cedo, se aprende também a seguir a religião ucraniana. Cabe à esposa a tarefa de ensinar as crianças, as rezas, os cantos, as datas das mais importantes celebrações, como, por exemplo, o significado do Natal e da Páscoa. Além disso, a mulher ucraniana tem uma extrema importância na comunidade e na manutenção da cultura, pois lhe resta também o compromisso de ensinar às filhas as receitas culinárias mais tradicionais que acompanham o seu modo de vida desde os primórdios.

A presença da Igreja perpetua como o símbolo mais marcante do povo ucraniano, tanto no Brasil como em outros países onde se encontra esta etnia. A religião ucraniana segundo Horbatiuk, “pertencem em sua maioria, à religião ortodoxa, ou católica oriental”. (pg. 45). Na mesma esteira, Burko considera que:

Uma das características principais do povo ucraniano, além de certas virtudes inatas, como, por exemplo, a lealdade, o amor à terra e ao trabalho, é a religiosidade – um sentimento profundamente arraigado, que o prende à sua religião tradicional. Seu majestoso rito oriental, tão benquisto pela Igreja Católica como o rito latino, foi transplantado pelos fieis em toda a parte para onde migraram, e foi conservado intacto, com todas as suas pompas e particularidades, vivo em cada um dos seus ofícios litúrgicos. (BURKO, 1963 pg. 59)



Essa devoção que o povo ucraniano tem pela religião pode ser notada a partir do fato de que em cada localidade onde residem, há a preocupação com a manutenção de uma paróquia, com padres que sejam ligados ao Rito Oriental. Isso foi possível comprovar a partir de relatos dos ucranianos residentes hoje em Mamborê, que contam que desde Prudentópolis já haviam lutado para trazer os padres da Ucrânia para cidade.

Nas entrevistas⁴ realizadas com descendentes de imigrantes da Ucrânia residentes em Mamborê- PR, fica claro o esforço para a construção da Capela Santa Ana, como conta o senhor Nicolau Zelim⁵,

Essa igreja todo mundo ajuda, todo mundo compro vidro, telha, lá tudo, material foi comprado tudo, o povo ajuda, o povo é unido. Então nois, eu não vou dizer, todo mundo ajuda, esse é muito unido, o povo não se afasta da igreja, então a igreja, nois não podemos se afastar da igreja. (ZELIM, 2009)

A partir do depoimento do senhor Nicolau Zelim, é notável que a religião é o importante elo da comunidade ucraniana, no município de Mamborê, sendo a peça principal que move os membros mais fiéis da Igreja Santa Ana, e não é significativo apenas para os moradores do município supracitado, mas, em todas as cidades onde entrevistamos ucranianos e seus descendentes, pode-se encontrar a mesma devoção para com a Igreja. A maior parte dos ucranianos é do Rito Oriental, mas também há católicos do Rito Latino.

O Nascimento da Igreja Ortodoxa Ucraniana

Conforme BATISTA (2009), a pregação da Igreja Cristã, iniciou-se com os Irmãos Cirilo e Metódio na área habitada por povos eslavos do Leste Europeu no século IX, onde foram também realizadas as primeiras traduções do livro sagrado da região. Cirilo foi o responsável por introduzir o alfabeto que é usado até os dias atuais pelos povos eslavos e da origem a língua ucraniana. Este alfabeto conhecido como Cirílico, perpetua de geração em geração, apesar de ter sido considerado herege. Para a Igreja o documento religioso seria imperdoável, pois expressava doutrinas irreligiosas, incrédulas da palavra de Deus. Em

⁴Entrevistas Realizadas Pelos Integrantes do Grupo de Pesquisa Intitulado “A Geografia da Práxis e da Cultura Camponesa Ucraniana na Colonização da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense”.

⁵Senhor Nicolau Zelim de descendência ucraniana realizada a entrevista no dia 04 de Junho de 2009, em sua residência no município de Mamborê.



virtude disso, os missionários migraram para outras áreas sendo uma delas a do território da Ucrânia.

Nesta fase, o principado de Kiev, capital da Ucrânia, almejava algumas mudanças, que foi possível com o príncipe Vladimir, o Grande. Um de seus desejos era por em pé de igualdade os Deuses pagãos e Cristãos. Contudo, ao se dar conta de que sua relação com o Império Bizantino poderia aflorar se viesse a se declarar monoteísta, ou seja, render-se ao cristianismo estaria inclinado a obter um relacionamento favorável a Kiev. Após casar-se com Anna, irmã do Imperador de Bizâncio, em 988 declara que o cristianismo seria a partir deste momento a religião oficial do Principado de Kiev. Tendo como símbolo de crença cristã, o batismo de toda a população nas águas do rio Dnipró, rio de extrema importância para os povos eslavos, tanto na parte econômica quanto na religiosidade.

Convêm salientar que o rito bizantino, nas palavras de Kindra,

Deu origem ao rito ucraniano, provém da cidade de Bizâncio e do Império Bizantino. Bizâncio foi fundada no séc. VII a. C. e passou a chamar-se Constantinopla em 324, quando se tornou capital do Império Romano Oriental, o qual em 395 passou a chamar-se Império Bizantino. O rito bizantino é o mais importante do Oriente, pois de Bizâncio partiram os missionários que cristianizaram, entre outros, a maioria dos povos eslavos. Com o tempo surgiram muitos ritos nacionais, derivados do rito bizantino: albanês, bielorusso, búlgaro, croata, eslovaco, grego, húngaro, ítalo-albanês, macedônio, melquita, romeno, russo, ruteno (carpático), sérvio e ucraniano. No entanto, pouco diferem entre si, pois à base comum foram agregados tão somente o “espírito nacional”, a língua e os costumes específicos. (KINDRA, 2008).

Ao se converterem ao cristianismo, “marcaria um dos principais traços de identidade e, conseqüentemente, de união do povo ucraniano” (BATISTA, 2009, p. 42). Isso porque na crença monoteísta não haveria espaço para outros deuses, desta forma os povos eslavos não se dividiriam mais em tribos, sendo eles todos agora pertencentes a uma mesma religião, cultuando o mesmo Deus.

Nesse sentido, pode-se dizer que a religião católica teve papel importante para unir os povos dos Europeus, tornando mais forte a os valores da Igreja. Isto é, aumentando



tenacidade, que haveria arraigar no povo ucraniano, aqui estudado, assim como em várias outras etnias.

A Igreja católica ganharia, a partir destes acontecimentos, muitos edifícios grandiosos, com a intervenção de grandes arquitetos, professores, e inclusive os sacerdotes, dotados de conhecimentos. Desta forma, se deu a construção da esplêndida catedral se Santa Sofia, em Kiev, e tantas outras que viriam a serem construídas, na Ucrânia e no Brasil e nos demais países onde há comunidades ucranianas.

Como os construtores das igrejas eram, em sua maioria Bizântinos, isso demonstrava a fragilidade de Kiev, em relação a sua dependência cultural de Bizâncio. Assim, aconteceu o primeiro Metropolita de Kiev: Hilarion. Este fato marca a independência da igreja de Kiev com relação à igreja de Bizâncio.

Destarte, após a independência da igreja da Ucrânia, iniciam as invasões mongóis, onde o povo volta-se para a região da Galícia e Volynia, que se tornou núcleo da obstinação ucraniana. Resistiram fortemente, mesmo após a morte de Iaroslav, filho de Vladimir, o Grande e herdeiro do principado de Kiev.

Tudo isso já apontava grandes mudanças no círculo religioso, porém, a principal ainda estava por vir em 1054 ocorre o Grande Cisma do Oriente, o qual, a chamada “Santíssima Igreja Cristã” se dividiu em Igreja Católica, considerada de ordem universal, e a Igreja Ortodoxa de Bizâncio. No entanto, conforme KEELER (2007, p. 40) “a divisão não aconteceu da noite para o dia. Ocorreu gradualmente enquanto Roma e Constantinopla lutavam pelo poder político e pela autoridade religiosa”. Esta divisão não afetaria a estrutura da Igreja, sendo que tanto a Católica, assim como a Ortodoxa prestam obediência ao Papa e são agregadas às leis de Roma.

Na Ucrânia a maior parte dos fiéis continuava a seguir a Igreja Ortodoxa Ucraniana, porém, quando os poloneses penetraram o território ucraniano, mais precisamente a região da Galícia, uma parte da população, em especial a elite, se converteu ao catolicismo, e devido ao fato de ser um grande número, passaram a pressionar o restante da população para que seguissem o exemplo. Tal fato, segundo BATISTA (2009), levou ao Tratado de Brest. Este tratado tratava da criação da Igreja Católica Ucraniana, donde esta viria a obedecer a Roma. No entanto, não deixaria o rito bizantino e tornar-se-ia o grande suporte contra a invasão da Polônia no território galiciano.



Entretanto, há um fato bem peculiar a ser exposto, conforme relatos de Souza:

Bizâncio recebeu o cristianismo antes mesmo de Roma, desde os primeiros anos, de acordo com a tradição, levado pelo apóstolo André, irmão de Pedro. [...] é correto dizer que o catolicismo oriental é mais antigo do que o catolicismo ocidental. (SOUZA, 2008, p. 52).

Dessa forma, é possível compreender o fato de os ucranianos se referirem a uma distinção entre Rito Oriental e o Rito Latino, diz-se que o primeiro é mais tradicional que o segundo. Na verdade, não se diferenciam em relação a um Deus distinto, nem há uma fé mais voluptuosa do que o outro. Mas a maneira de celebração é onde reside a diferença dentre os dois ritos.

Os ritos, segundo Silva (2007, p. 47), “refere-se a um conjunto de ações gestuais, padronizados por uma comunidade religiosa por onde se manifesta sentimentos e conceitos sobre a divindade”. Desta forma, várias manifestações dentro de um templo devem ser realizadas por todos os membros que estejam presentes no culto que, por sua vez, resume todos os gestos, os cantos, as celebrações, enfim, são formas para os fiéis estarem mais próximos da divindade que cultuam. Os ritos do cristianismo foram formados nos seus primeiros anos, e de lá para cá foi sendo aperfeiçoados por cada seguimento da religião cristã.

Assim como na Ucrânia, no Brasil seguiram utilizando o rito Oriental, ou seja, focado nos ensinamentos adquiridos em Bizâncio. A importância da religião no novo território se mostrou de uma maneira mais forte. Diante de um mundo desconhecido e cheio de diversidades, e onde o povo não falava sua língua, e por consequência não os entendia. Restara então se apegar a seu povo, aos poucos que chegaram, e formarem uma comunidade onde pudessem viver e reproduzir sua sociedade aos moldes de sua antiga pátria.

Nesse contexto, a comunidade precisava reconstruir sua vida, em todos os aspectos, fosse no econômico, ou no social, e também no lado espiritual. Este último, desde sempre muito preservado pelos ucranianos, sendo até considerado por BATISTA (2009, p. 45) como, “um mecanismo de resistência e de permanência da cultura ucraniana em seu próprio território, teve esse caráter reforçado em terras brasileiras”. Portanto, como eram, e são até hoje, muito ligados à religião, não poderia faltar em seu novo lugar a sua Igreja, para onde recorreriam se acaso precisassem de apoio intelectual e espiritual.



Determinados a trazerem padres da Ucrânia para o Brasil, enviaram então vários pedidos a Roma. Conforme relatos de Burko (1963), “o primeiro sacerdote ucraniano vindo para o Brasil, foi o Padre João Wolianskyi”, mas devido à falta de recursos dos ucranianos o sacerdote não conseguiu se adaptar a nova vida de privações, e resolveu retornar a sua terra. No entanto, os imigrantes não desistiram de seu desejo enviaram novos pedidos e foram recompensados com a chegada do Padre Silvestre Kizima, o primeiro missionário da Ordem de São Basílio o Grande, partirá ele de Leópolis (Lviv em ucraniano, está é uma importante cidade do oeste da Ucrânia) em 11 de maio e chega em 21 de junho, do ano de 1897. O sacerdote tivera grande trabalho, segundo Burko, passou 9 dias confessando os fiéis, na cidade de Curitiba, Paraná. Sucessivamente, o Padre percorreu o interior, visitando famílias. Esteve, inclusive, em Santa Catarina. Enfim, onde houvesse uma colônia de ucranianos sedentos por confissão, ele haveria de chegar até lá. Durante todas as jornadas do Padre silvestre, ele teve de enfrentar vários perigos, pois as distâncias eram longínquas e as instalações precárias. Sendo até mesmo atacado por índios que habitavam a região.

Em 1898, os novos missionários já iniciaram seu trabalho apostólico, intensificando assim a vida religiosa nas colônias dos camponeses ucranianos. A partir daí, ou seja, depois das igrejas instaladas e asseguradas as celebrações, “fundar-se-iam, escolas, associações religiosas, jornais em idioma próprio, e, graças á liberalidade da nova pátria” (BURKO, 1963 p. 65).

No Brasil, povos que vieram de uma maneira ou de outra, isto é, por um motivo ou outro, não foram impedidos de seguir sua religião, pelo contrário incentivados a manter sua cultura, isso para os povos livres, porque os africanos, em muitos lugares onde eram aprisionados, estavam proibidos de praticar seus ritos tidos, em sua maioria, como pagãos. Dessa forma, os ucranianos, que chegaram ao país como homens livres também tinham liberdade para expressar seus ritos da maneira que seria em sua terra natal. O que não havia de início eram padres dispostos a enfrentar, primeiramente o mar, pois o único meio de locomoção em 1890 mais eficientes para chegar às terras brasileiras era por meio de navio. E outra interferência era a precariedade do povo ucraniano nos primeiros anos no país. Porém, com o passar dos anos e principalmente após a vinda do sacerdote Silvestre Kizima a vida religiosa foi intensificada, com construções de capelas típicas ucranianas, com cúpulas redondas.



De acordo com Burko (1963, p. 66), “desde 1934 começam a entrar em ação os novos sacerdotes já brasileiros-natos, que se formaram em seminários latinos ou em Casas de formação da Ordem Basiliana, completando seus estudos nas Universidades de Roma”. Estes voltariam para o Brasil para servir às igrejas ucranianas. E assim seguiram orientando os ucranianos em todos os municípios, colônias. Tanto nos primeiros lugares onde se instalaram os imigrantes, como por onde eles se dispersaram.

Religiosidade Ucraniana em Mamborê (1950-2010)

O Município de Mamborê está localizado, na zona fisiográfica do centro-oeste, do Estado do Paraná. Faz parte da Microrregião Homogênea 286 e pertence à COMCAM - Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão. O Município limita-se com Campo Mourão e Farol ao Norte, com Boa Esperança e Juranda a oeste, com Campina da Lagoa e Nova Cantú ao sul e com Luiziana a leste.

Por volta de 1950 inicia a chegada das primeiras famílias ucranianas na região de Mamborê – Paraná, os imigrantes partiram da região de Prudentópolis - PR, Guarapuava - PR, e também do Estado de Santa Catarina.

As primeiras missas celebradas nos ritos ucranianos foram realizadas nas residências dos primeiros imigrantes. Essas primeiras missas eram realizadas pelo padre Irenarco João Malanhak, também pelos padres Carlos Trehuk e Solanca (OLIPA, 1998, p.53).

19, 20 e 21 de agosto de 2013

SEURB

II Simpósio de Estudos Urbanos:

A dinâmica das cidades e a produção do espaço



Figura 01: Localização de Mamborê.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamborê> acesso em 03 de jun. 2013

Conforme relatos de Olipa (1998), a primeira Igreja ucraniana construída foi na década de 50, esta teve participação dos ucranianos já residentes, assim como em todas as outras que seriam construídas na comunidade. Essa construção passou a abrigar o educandário Sagrado coração de Jesus, em 1962. Em 1964, aconteceu a Primeira Comunhão das crianças preparadas pelas irmãs, que, na ocasião vinham de Roncador, PR. Neste mesmo ano as irmãs Metódia Boguch e Demétria Fiel, ambas pertenciam à congregação Irmãs Servas de Maria Imaculada, fundada na Ucrânia em 1822. Segundo Burko,

Contribuíram muito para o desenvolvimento do ensino entre os imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil já em 1911. Ainda que sua finalidade principal fosse dirigir orfanatos, cuidar os enfermos, zelar pelas igrejas, as circunstâncias exigiam que elas no Brasil também se dedicassem às escolas e ao trabalho educativo. Chegando no Brasil as irmãs ucranianas ocuparam imediatamente as escolas paroquiais de Prudentópolis e Iracema, passando mais tarde também para outros centros de imigração. (BURKO, 1963, pg. 72)

Este foi o caso das irmãs que migraram para Mamborê a fim de auxiliarem na construção da Igreja do Rito Ucraniano Santa Ana, que na época foi supervisionada pelo



padre Benedito Melnyk, e pelo então presidente da comunidade ucraniana Nicolau Korczovei, e inaugurada em 23 de novembro de 1969. Pouco antes da construção da igreja já havia inaugurado o Educandário Nossa Senhora de Fátima que mais tarde passaria a se chamar Escola Nossa Senhora de Fátima (OLIPA, 1998).

A atual Igreja Ortodoxa Ucraniana Santa Ana fora construída em Mamborê, em 1997, com a ajuda de toda a comunidade ucraina. Atualmente, o Presidente da Igreja e o senhor João Veres⁶ conta com aproximadamente 45 famílias de descendentes de ucranianos que frequentam assiduamente a igreja.

A importância da Igreja para a união da comunidade ucraniana fica retratada nas palavras da senhora Helena Zakalhuk⁷ e do senhor Lucio Czui⁸,

Aqui em Mamborê os ucranianos a gente se conheceu quase assim na igreja os outros ucranianos e depois foi se conhecendo, mas eles eram mais do sítio, e eu sempre morei na cidade. Sempre festa saía na igreja. (ZAKALHUK, 2009).

É eu lembro muita coisa quando eu era criança, porque participava da Igreja, sempre participo, ajudo, sempre limpo o pátio e trabalha em festa e sempre a gente ta, como ta até hoje, chamam a gente pra fazer uma limpeza lá no pátio, nós que vai lá roça a grama, e faze limpeza, dia de festa mesma coisa. Na Igreja ucraniana lá eles fazem prato típico, até pouco tempo saiu uma janta lá, a turma gosta porque é diferente, inventa as comidas ucrainas. (CZUI, 2009).

A partir dos relatos dos fiéis, é notável a alegria que sentem em viver, trabalhar, pertencer à Igreja Santa Ana. Assim, como, é perceptível a sua disposição em contribuir para que tudo esteja impecável sempre para receber as famílias ucrainas.

A principal reza proferida pelos ucranianos de Mamborê, durante a saudação final nas entrevistas, foi a Ave Maria. De acordo com MOHANA (2004, p.13), esta oração é baseada n' O Evangelho de Lucas, o terceiro dos quatro Evangelhos canônicos do Novo Testamento

⁶ Senhor João Veres atual presidente da Igreja Ucraniana Santa Ana, foi entrevistado em sua residência no dia 12 de junho de 2009 em Mamborê – Paraná.

⁷ Senhora Helena Zakalhuk entrevistada em sua residência no município de Mamborê – Paraná, no dia 12 de junho de 2009.

⁸ Senhor Lucio Czui entrevistado no dia 12 de junho de 2009, em sua residência no município de Mamborê-Paraná.



que narra história da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Possui 24 capítulos, dentre muitas outras orações que fazem parte das rezas diárias das famílias ucranianas.

A Igreja Ucraniana Santa Ana, é uma típica igreja ucraniana, ou seja, conta com cúpula redonda, formato de cruz, com Campanário, abside, Cruzeiro, Tambor ou canhão. Além, destes elementos de grande importância para caracterização das construções, ainda existe nas igrejas mais tradicionais o Santuário, lugar destinado aos membros do clero. O Altar pode ser uma mesa quadrada de madeira ou de pedra, e sobre a mesa existem quatro colunas, estas sustentam uma cúpula, e representa os quatro pilares que sustentam o céu e a Prótese constitui em um pequeno altar, destinado à preparação da eucaristia. O Diakomikom é reservado para aos ministros. Trono ou acento, reservado para o clero concelebrante. O Crucifixo, localizado atrás do altar, é sustentado por um pedestal, e este é pintado na parede.

Específico do rito ucraniano, ainda existe o Candelabro de pedestal, neste há sete lamparinas que são alimentadas com azeite de oliva. A tetrápode, onde são realizados pequenos cerimônias. O Ambóm ou Ambão, “piso elevado do santuário que avança sobre a nave (parte da igreja onde ficam os fiéis nas celebrações) com desenho semicircular ao centro. Elemento existente desde as igrejas primitivas, correspondendo ao púlpito das igrejas do rito latino” (BATISTA, 2009 p. 52)

Enfim, a Iconóstase, este é um dos componentes mais marcantes da igreja do rito oriental. Todavia, este é o lugar destinado aos ícones sagrados como diz Batista, (2009, p. 58) “é um painel ornamentado com ícones, geralmente de madeira, que separa o santuário (mundo sagrado) da nave (mundo profano)”. Segundo historiadores sua origem é incerta. Outros afirmam que teve origem na tela junto à parede localizada no extremo leste das igrejas orientais, onde mais tarde esta teria sido deslocada acoplada ao altar, que significa que foi separada do mundo profano.

Entretanto, a Iconóstase nas igrejas representa o sagrado que para Rosendahl, (2002, p. 34) “as imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva”. Dessa forma, significa que o espaço iconográfico só tem significado para quem o frequenta, para aquele que sabe o valor das figuras dentro da sua cultura.



A Igreja Santa Ana em Mamborê celebra as missas no rito bizantino ou oriental, segundo a irmã Regiane Romanichen⁹, não há diferença entre os dois ritos, o latino e o oriental, somente a maneira de celebrar. Um dos aspectos principais é que o padre celebra a missa de costas para os fiéis, “como se fosse um pastor que conduz a suas ovelhas para deus” (ROMANICHEN, 2010) e também nas celebrações não são utilizados instrumentos musicais, se utiliza somente a voz. A liturgia é contemplativa.

Religião e campesinato

Através da nossa observação empírica, constatamos que a religiosidade se apresenta como esteio da manutenção da comunidade ucraniana no Município de Mamborê - Pr, contribui, além disso, para a organização e permanência dos camponeses no campo. São principalmente orientados pelas irmãs e padres do rito oriental. Isso ocorre em virtude de perceberem que no campo eles estão mais bem providos do que na cidade, Segundo a Irmã Regiane Romanichen, no sítio eles conseguem se manter, e os que vêm para a cidade devido a falta de estudos, acabam por habitarem lugares com poucas regalias. “Então nós orientamos que quem tem sua terra, que cultive sua terra” (ROMANICHEN, 2009).

Embora haja um grande número de fiéis que moram na cidade, os religiosos expõem que os homens do campo são mais assíduos quanto à frequência de participação na igreja. E complementam que entende porque os horários de quem mora no campo é diferente dos que moram na cidade. Pode ser um fator relacionado ao atribulamento que vivem os cidadãos em seu cotidiano. Relatam também que o número de vocações religiosas tem diminuído, muitos religiosos atribuem à ida do camponês para a cidade.

A religião é essencial para o povo ucraniano visto que evidencia sua cultura e para eles manter a sua devoção é fazer com que perpetuem sua língua, costumes e até mesmo a união de seus descendentes. Haja vista, que também é uma maneira de reformular a sociedade. Os primeiros ucranianos a chegarem ao Brasil, tiveram que se reorganizar e se unir para trazer os padres para suas colônias. Dessa forma, a estrutura das comunidades foi se moldando à medida que ia se restabelecendo a doutrina religiosa.

⁹ Senhora Ir. Regina Romanichen concedeu-nos a entrevista em sua residência no município de Mamborê- Paraná no dia 12 de janeiro de 2010.



Os imigrantes ucranianos, quando chegaram ao Brasil, segundo Burko, “80% deles foram para as lavouras [...] e áreas praticamente inóspitas passaram a produzir trigo, arroz, feijão, erva-mate” (BURKO, 1963 p. 78). E muitas outras coisas, para consumo da família, e o excedentes para venda ou troca com a comunidade, que é essa forma de vida os caracteriza como camponês. E dessa forma seguiram-se contribuindo para o crescimento da esfera econômica no Brasil.

Hoje, os ucranianos ou seus descendentes, permanecem com o trabalho no campo. Adaptados à ordem econômica atual, porém sem deixarem de plantar o alimento tradicional, ou seja, o arroz e feijão, que são produtos base para a mesa dos brasileiros.

Essa ligação que o religioso camponês ucraniano tem com a terra está fundamentada em algo que vem de muitos séculos, vivem suas vidas como os cristãos antigos e até mesmo como Jesus vivia. Como demonstra Carvalho (2005),

Os camponeses não dão sinais de que poderão deixar de marcar presença ativa nas formações econômicas e sociais em todas as partes do mundo. O cristianismo nasceu entre os camponeses, e o próprio Jesus de Nazaré era um camponês. O Evangelho é o Evangelho de um mundo camponês, e o campesinato continua presente até hoje em um mundo urbanizado. (CARVALHO 2005, apud, NITIDIERO JUNIOR 2010).

A vida religiosa traz muitos elementos que acompanham a vida do fiel, como, por exemplo, “seguem estritamente a moral católica, sobretudo no que se refere à santidade e indissolubilidade do matrimônio” (BURKO, 1963 p. 79). Nesse sentido, aparece um ser arraigado no passado, tentando trazer para o presente, de modo que os “novos ucranianos”, ou seja, os descendentes possam adquirir e também transmitir esses valores que são essenciais para uma vida tranquila, e porque não dizer, digna de viver em comunidade.

A figura mais importante para os fiéis sem dúvida são os padres que estão cada vez mais tomando partido dos grupos reprimidos. Mas foi para isso que desejaram o celibato, em prol, dos doentes e oprimidos. Salienta Serbin, “Os padres vivem o extremo do emocional. No Brasil, padres foram torturados e assassinados por suas crenças” (SERBIN, 2008, p. 36). Muitos conflitos tiveram a participação de membros do clero.

Nas considerações de Mitidieri Junior (2010), “Não é por menos que a Igreja desenvolveu ações de defesa do campesinato, pois esse foi o único grupo social que perdurou,



praticamente, por toda a história da humanidade”. Sendo está uma verdade incontestável, pois eles testemunharam a era dos imperadores, o feudalismo, e na ordem vigente, o capitalismo, o camponês segue seu curso estável e fortemente amparado pela sua família, sua comunidade em especial os camponeses ucranianos.

Nem todos os padres se envolveram em agitações, mas participam dando apoio à comunidade de outra forma, como, por exemplo, os religiosos ucranianos no município de Mamborê, e em muitas outras localidades contribuíram de formas mais reservadas. Entretanto, entregou seu conforto espiritual, sua intelectualidade, sua influência para adquirir bens ou resolver assuntos que necessitava de conhecimentos burocráticos que os camponeses raramente conheciam e muitos ainda não conhecem, dessa foram sempre recorrem aos padres, e eles sempre dispostos a retribuir a estima. E segundo Junior,

Para os camponeses, esses compreenderam no discurso da Igreja a sua precedência moral sobre a terra e uma legitimidade cristã nas lutas a serem desenvolvidas. Encontraram nas falas dos clérigos e agentes pastorais referenciais mais sólidos à sua visão de mundo do que aqueles encontrados em sindicatos rurais ou partidos políticos solidários a sua situação social (NITIDIERO JUNIOR, 2010, p. 20).

Como os ucranianos são devotos fervorosos, as palavras ditas na igreja devem ser seguidas ao pé da letra. Não seguir esses ensinamentos é tido como um ato irreligioso, levando à condenação pela própria comunidade, que passam a ver a pessoa como um pecador ou imoral, isso significa que este passa a ser indigno de frequentar a casa de Deus e de se sentar ao lado das pessoas que seguem as ordens divinas.

Nesse sentido, a presença do clero em movimentos das ligas camponesas tende a ser um grande incentivo persistir na luta, pois se sentem amparados espiritualmente e mais fortes devido a influência da igreja na dimensão territorial que está compreende. E por Territorialidade, Rosendahl (2002, p. 59) compreende que, “é o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um dado território”. E a igreja, segundo muitos autores, é a instituição mais antiga que se tem notícia. Dessa forma, “é nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, e criando territórios seus” (ROSENDAHL, 2002, p. 59).



A Igreja Santa Ana de Mamborê pertence à paróquia Santíssima Trindade de Campo Mourão, e, inclusive, o padre que celebra a missa. Portanto, cabe salientar que a área de influência desta paróquia é bem satisfatória, abrangendo vários municípios, como: Juranda, Araruna, Colônia UPÁ, Mamborê, Maringá, Farol e Campo Mourão. Ao todo são 7 paróquias, e aproximadamente 500 famílias atendidas pelos padres que saem de Campo Mourão para celebrar missas, realizar confissões e acalentar os fiéis.

Não queremos aqui fazer ligação entre o auxílio dos padres ucranianos e seus fiéis com a Teologia da Libertação, que foi um movimento que se iniciou na década de 1970 no Brasil, e teve o envolvimento de padres, bispos, enfim, diversas teologias cristãs. Mas, sim mostrar que eles também estiveram sempre dispostos a lutar para que os camponeses ucranianos residentes em terras brasileiras tivessem uma vida digna e garantissem seus direitos.

Desta forma, compreendemos que a missão dos padres e também das irmãs religiosas foram sempre ligadas ao conforto espiritual dos fiéis da Igreja Ortodoxa Ucraniana. E também auxílio intelectual, pois sabemos, através das entrevistas, que eles também contribuía neste aspecto, como ser um sacerdote requer um grande nível de conhecimentos, e os ucranianos tendo a maioria com recursos limitados e, nesse sentido, foram privados de uma boa educação formal. Portanto, viam nos religiosos um meio de obter socorro à medida que precisassem de ajuda, como, por exemplo, com a legalização dos pequenos lotes de terras que ocupavam ou haviam se apossado.

Esta contribuição dos padres e irmãs foi constantemente relatada no município de Mamborê- PR, sendo até mesmo orientados a não deixarem suas terras para viverem na cidade. Pois, para eles os ucranianos que vivem no campo têm uma vida mais prospera, devido ao fato de que os camponeses de descendência ucraniana ser apegados a terra e nela cultivarem o alimento básico, como feijão, milho, arroz, e suas hortas sempre carregadas de alimentos.

Por consequência destas tradições sempre têm comida em sua mesa, e isso na cidade é mais difícil de conseguir se não houver trabalho para que o ganho seja suficiente para não passarem necessidades. Nesse sentido, pode-se dizer que os religiosos se preocupam com o bem estar do seu povo e lutam de todas as formas para que não sofram mais como fora a tempos não muito distantes.



Considerações Finais

Ademais, no cunho religioso, notamos que todas as famílias ucranianas, tanto moradores dos sítios, como os que residem na cidade, guardam costumes intrínsecos da religiosidade mamboreense. Presenciamos em todas as residências um altar com velas e flores, e muitos quadros com ícones religiosos que representam a espiritualidade profunda da religião oriental. Nesse altar, são realizadas orações com toda a família reunida e é o lugar também onde são ensinadas as rezas tradicionais da igreja ucraniana, e onde através das orações são passados os valores morais para os jovens ucranianos.

A metodologia utilizada para realização deste estudo consistiu na coleta de fontes orais, obtidas de imigrantes e descendentes de ucranianos, que vieram para o Brasil, entre os séculos XIX e XX. Sem dúvida que os relatos dos próprios ucranianos foram de total importância, haja vista, que a história contada pelos seus participantes tem um significado mais especial para ser transcrito. Nas considerações de Freitas (2006) “A história oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo também é história”.

A partir das mesmas, pudemos fazer considerações a respeito da vida e trajetória deste povo. Observamos que a maioria das histórias contadas tem um misto de nostalgia e alívio, devido ao fato de que sofreram, por falta de terras, por perda dos familiares, por estarem longe de sua pátria. Contudo, felizes por haver superado todos estes percalços, que agora faz pequeno diante da vida já vivida e superada as barreiras que lhes foram impostas.

Em se tratando do município de Mamborê, percebemos que uma pequena parcela, somente, se dirigiu a este município. São hoje 40 famílias apenas. Entretanto, são poucos mais unidos pelo sangue, língua, pela cultura, e principalmente pela religião que é o elo mais forte que os mantém juntos e lutando pelos mesmos ideais.

E de extrema importância frisar também que eles tiveram grandes participações dentro do município, pois, quando chegaram, na região, está ainda não havia se desmembrado de Campo Mourão. Dessa forma, como os primeiros migrantes vindos de Prudentópolis, Santa Catarina, Guarapuava, e outras localidades, chegaram por volta de 1950, participaram de seu desmembramento em 1960.

Observamos que os camponeses ucranianos que vivem no sítio ainda preservam seus costumes, como, o trabalho em família, salientamos que este é um dos fundamentos para



chamarmos de camponeses. Plantam em sua maioria os alimentos que vão para sua mesa, como, por exemplo, mandioca, batatinha, feijão, arroz, verduras. Todos estes alimentos são para o consumo da família. Claro que cultivam também, soja, milho, para comercializar e para o tratamento de animais. No entanto, privilegiam a sua mesa.

E os que vivem na cidade também mantêm o pé na terra, fazer hortas, mesmo que os lotes não sejam grandes, mas, sempre tem verduras, batatinha, mandioca, dentre outros, sem contar o fogão à lenha que em todas as residências foram encontrados, as chaleiras de ferro. Isso nós faz perceber que mesmo estando na cidade estes continuam como camponeses tradicionais, ligados a terra.

Nesse sentido, compreendemos que o que a Igreja ucraniana faz-se de extrema importância para manter este povo unido e apegado a sua cultura, seus costumes, e sua luta diária com para manter seu pedaço de chão.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Fábio Domingos. **Igrejas Ucranianas**. Arquitetura da Imigração no Paraná. 1º edição. Instituto Arquibrasil/ Petrobras Cultural. Curitiba. 2009.

BORUSZENKO, Oksana. **Os Ucranianos**. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. 2º Edição. Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba. 1995.

BURKO, Valdomiro. **A Imigração Ucraniana no Brasil**. 2º Edição. Curitiba. 1963.

CZUI, Lucio. [Entrevista concedida em 12 de junho de 2009]. 2009.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. A Colônia Ucraina de Mallet – Núcleo de Preservação e Irradiação de Padrões da Cultura Ucraina (Estudo de Caso). 1º Edição. Editora UNIPORTO. Santa Catarina. 1989.

IOKOI, Zilda Grícoli. **Igrejas e Camponeses**. Teologia da Libertação e movimentos Sociais no Brasil e no Peru. 1º Edição. São Paulo. Hucitec. 1996.

KEELER, Helen. GRIMBLY, Susan. **101 Coisas que Todos Deveriam Saber Sobre o Cristianismo**- Crenças, Práticas, Costumes e Tradições. Editora Pensamento. São Paulo. 2007.

KINDRA, Iván. **O Rito Ucraniano e as Igrejas Orientais**. Campo Magro. 2008.

MOHANA, João. **Descubra o Valor do Terço**. Editora Loyola. 17º edição. São Paulo. 2004.



MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio. **Igreja, Campesinato e Luta pela Terra**. AGB São Paulo. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org>> acessado em 28 de julho de 2011.

ROMANICHEN, Ir. Regiane. [Entrevista concedida em 12 de janeiro de 2010]. 2010.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica**. 2º edição. Rio de Janeiro. Editora UERJ. 1996.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, Celibato, e Conflito Social**. Uma História da Igreja Católica no Brasil. Companhia das Letras. São Paulo. 2008.

SILVA, Wadna Audiane Salles da. **Religião e Sociedade Contemporânea**. Uma Análise da Religião no Mundo Atual. Secretaria Municipal de Educação. Aparecida do Taboado. Mato Grosso do Sul. 2007.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2º Ed. - São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

SOUZA, Alexandre Amorim. **O Segundo Deus**. Editora Redes. Potro Alegre. 2008.

VERES, João. [Entrevista concedida em 12 de junho de 2009]. 2009.

ZAKALHUK, Helena. [Entrevista concedida em 4 de junho de 2009]. 2009.

ZELIN, Nicolau. [Entrevista concedida em 4 de junho de 2009]. 2009.